

## Alberto Caeiro

- Na obra de Caeiro, há um objectivismo absoluto ou antimetafísico. Não lhe interessa o que se encontra por trás das coisas.
- Caeiro, poeta do olhar, procura ver as coisas como elas são, sem lhes atribuir significados ou sentimentos humanos. Considera que as coisas são como são.
- Interpreta o mundo a partir dos sentidos.
- Recusa total do pensamento e da reflexão como meio essencial para se atingir a calma, a paz e a felicidade: “Pensar incomoda como andar à chuva”. Vê as coisas apenas com os olhos, não com a mente.
- Caeiro constrói uma poesia das sensações, apreciando-as como boas por serem naturais. Para ele, o pensamento apenas falsifica as coisas. A base da sua poesia é a substituição do pensamento pela sensação, não só como base da inspiração mas como meio de expressão.
- Numa clara oposição entre sensação e pensamento, o mundo de Caeiro é aquele que se percebe pelos sentidos, que se apreende por ter existência, forma e cor. O mundo existe e, por isso, basta senti-lo, basta experimentá-lo através dos sentidos, nomeadamente através do ver.
- Ver é compreender. Tentar compreender pelo pensamento, pela razão, é não saber ver. Alberto Caeiro vê com os olhos, mas não com a mente. Considera, no entanto, que é necessário saber estar atento à “eterna novidade do mundo”.
- A filosofia de vida de Caeiro é a de alguém que aceita o real e a vida, que não problematiza a existência, que se contenta em “sentir” e em “ver”.
- O poeta recusa o pensamento, sobretudo o pensamento metafísico, afirmando que “pensar é estar doente dos olhos”.
- Predomínio do real objectivo e das sensações visuais: a única realidade possível é a objectiva; a subjectividade e a intelectualização do sentir não fazem parte da sua existência.
- Em Caeiro, a poesia das sensações é, também, uma poesia da Natureza. “Argonauta das sensações verdadeiras”, o poeta ensina a simplicidade, o que é mais primitivo e natural.

- Optando pela vida no campo, Caeiro acredita na Natureza, defendendo a necessidade de estar de acordo com ela, de fazer parte dela.
- Pela crença na Natureza, o Mestre revela-se um poeta pagão, que sabe ver o mundo dos sentidos, ou melhor, sabe ver o mundo sensível onde se revela o divino, em que não precisa de pensar.
- Caeiro, ao procurar ver as coisas como elas realmente são, sublima o real, numa atitude panteísta de divinização das coisas da Natureza.
- Nesta atitude panteísta de que as coisas são divinas, desvaloriza a categoria conceptual tempo.
- A nível estético, Caeiro não se preocupou com o trabalho formal do poema, recorrendo ao verso livre e à métrica irregular. Numa linguagem simples e familiar, os seus poemas revelam uma pontuação lógica, predomínio da coordenação e do presente do indicativo ou frases simples, marcadas pela pobreza lexical e poucos recursos estilísticos.

### **Ricardo Reis**

- Na poesia de Ricardo Reis, há o sentimento da fugacidade da vida, mas ao mesmo tempo uma grande serenidade na aceitação da relatividade das coisas e da miséria da vida.
- Reconhecendo a fraqueza humana e a inevitabilidade da morte, Reis procura uma forma de viver com o mínimo de sofrimento. Por isso, defende um esforço lúcido e disciplinado para obter uma calma qualquer.
- Na linha do poeta latino Horácio, Reis considera importante o *carpe diem*, o aproveitar o momento, o prazer de cada instante.
- A obra de Ricardo Reis apresenta um epicurismo triste, uma vez que busca o prazer relativo, uma verdadeira ilusão da felicidade por saber que tudo é transitório.
- Sendo um epicurista, o poeta advoga a procura do prazer sabiamente gerido, com moderação e afastado da dor. Para isso, é necessário encontrar a ataraxia, a tranquilidade capaz de evitar qualquer perturbação.

- Para Ricardo Reis, o ser humano deve ordenar a sua conduta de forma a viver feliz, procurando o que lhe agrada.
- A *apatia*, ou seja, a indiferença, constitui o ideal ético, pois, de acordo com o poeta, há necessidade de saber viver com calma e tranquilidade, abstendo-se de esforços inúteis para obter uma glória ou virtude, que nada acrescentam à vida.
- Próximo de Caeiro, há na sua poesia a *aurea mediocritas*, o sossego do campo, o fascínio pela Natureza, onde busca a felicidade relativa.
- Discípulo de Alberto Caeiro, Ricardo Reis refugia-se na aparente felicidade pagã que lhe atenua o desassossego. Procura alcançar a quietude e a perfeição dos deuses, desenhando um novo mundo à sua medida, que se encontra por detrás das aparências.
- Afirma uma crença nos deuses e nas presenças quase divinas que habitam todas as coisas.
- Considera que sendo o Destino “calmo e inexorável” acima dos próprios deuses, temos necessidade do autodomínio, de nos portarmos “altivamente” como “donos de nós mesmos”, construindo o nosso “fado voluntário”.
- Pagão por carácter e pela formação helénica e latina, há na sua poesia uma actualização de estoicismo e epicurismo, juntamente com uma postura ética e um constante diálogo entre o passado e o presente.
- A poesia de Ricardo Reis apresenta um estilo rigoroso e denso, com preocupação de traduzir a ideia através de uma expressão perfeita. Usando a ode, as estrofes apresentam-se regulares, onde predominam os versos decassilábicos e hexassilábicos. Nos seus versos, com frequentes construções eruditas e latinizantes, com uso frequente do hipérbato, recorre, frequentemente, ao gerúndio, ao imperativo e à subordinação. A nível estilístico, sobressaem as metáforas, os eufemismos e as comparações.

### Álvaro de Campos

- Álvaro de Campos evolui ao longo de três fases: a de influência decadentista a que pertence o “Opiário”; a futurista e sensacionista, de inspiração whitmaniana, onde encontramos, por exemplo a “Ode Triunfal” e a “Ode Marítima”; e a intimista

Ficha de Apoio – 12º ano

ou independente, marcada pela abulia e pelo tédio, pela angústia e pelo cansaço, com poemas como “O que há em mim é sobretudo cansaço”, “Esta velha angústia”, “Apontamento”, ou os de “Lisbon revisited”.

- Na primeira fase, encontra-se o tédio de viver, a morbidez, o decadentismo, a sonolência, o torpor e a necessidade de novas sensações; na segunda fase, há um excesso de sensações, a tentativa de totalização de todas as possibilidades sensoriais e afectivas (unanimismo), a inquietude, a exaltação da energia, de “todas as dinâmicas”, da velocidade e da força, até situações de paroxismo; na terceira fase, perante a incapacidade das realizações, volta o abatimento, a abulia, a revolta e o inconformismo, a dispersão e a angústia, o sono e o cansaço.
- Álvaro de Campos é o poeta vanguardista, que, numa linguagem impetuosa, excessiva, canta o mundo contemporâneo, celebra o triunfo da máquina e da civilização moderna, da força mecânica e da velocidade.
- Como sensacionista, é o poeta que melhor expressa as sensações da energia e do movimento, bem como as sensações de “sentir tudo de todas as maneiras”. Para ele a única realidade é a sensação. A sensação é tudo.
- O sentir predomina em relação ao pensar. O que é importante não é a beleza dos maquinismos em si mesmos, mas as sensações que esses maquinismos despertam e o modo como se codificam essas sensações.
- Em Campos há a vontade de ultrapassar os limites das próprias sensações, numa vertigem insaciável, que o leva a querer “ser toda a gente e toda a parte”. Numa atitude unanimista, procura unir em si toda a complexidade das sensações.
- Quer transformar-se na realidade excessiva que o cerca. Quer penetrar tudo, ser penetrado por tudo, ser tudo, ser o “souteneur” de tudo. Quer sentir tudo de todas as maneiras – sentir tudo numa histeria de sensações, sentir tudo e identificar-se com tudo, mesmo com as coisas mais aberrantes.
- É o poeta da vertigem das sensações modernas, da volúpia da imaginação, da energia explosiva proveniente de uma emotividade individual desordenada e caótica.
- Mas, passada a fase eufórica, o desassossego de Campos leva-o a revelar uma face disfórica, a ponto de desejar a própria destruição. Há aí a abulia e a experiência do tédio, a decepção, o caminho do absurdo.

Ficha de Apoio – 12º ano

- Depois de exaltar a beleza da força e da máquina por oposição à beleza tradicionalmente concebida, a poesia de Campos revela um pessimismo agónico, a dissolução do eu, a angústia existencial e uma nostalgia da infância irremediavelmente perdida. A angústia existencial é provocada pela dor de ser lúcido e possuído de loucura, mas consciente dessa loucura, o que intensifica o seu sofrimento.
- Numa linguagem em estilo torrencial, nervoso e exuberante, com marcas da oralidade, expressa o mundo do progresso técnico, dessa “nova revelação metálica e dinâmica de Deus”. Recorrendo à mistura de níveis de língua, apresenta desvios sintáticos, construções nominais, infinitivas e gerundivas, exclamações, interjeições e pontuação emotiva. Os versos livres, muitas vezes longos, surgem cheios de assonâncias, onomatopeias, aliteraões, enumerações excessivas e recursos variados, como metáforas ousadas, oximoros, personificações e hipérboles.